

CHARLES PEIRCE, GILLES DELEUZE E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Solange Puntel Mostafa*

RESUMO

Discute a filosofia pragmática de Charles Peirce e sua teoria dos signos, bem como as modificações introduzidas por Gilles Deleuze em tal teoria para ser possível apresentar a apropriação que a ciência da informação tem feito de ambas. Destaca a teoria dos signos peircianos como signos espaciais apropriados para a Ciência da Informação e os signos deleuzianos do tempo como apropriados à Filosofia da Ciência da Informação.

Palavras-chaves: Semiótica. Charles Peirce. Gilles Deleuze. Filosofia. Ciência da Informação.

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professora da Universidade de São Paulo (USP), campus de Ribeirão Preto, SP.
E-mail: smostafa@ffclrp.usp.br

I INTRODUÇÃO

Os signos de certa maneira são as palavras que usamos para nos comunicar. Ao falar repomos o mundo em palavras e pensamentos, com figuras de linguagem que nem percebemos, como as metáforas, as metonímias, as elipses, hipérbolos e tantas outras. Na canção de Chico Buarque, encontramos a prima; será rima?

Entender o mundo como um conjunto de signos, é uma maneira de sair de certas posições especulares e avançar em formas mais ricas de representar, pois na representação sógnica, algo responde por outra coisa, implicando uma interpretação no plural. Por exemplo, a luz da sinaleira em vermelho faz às vezes de um policial que pára o trânsito. A luz vermelha é um signo e significa "Pare". Em outras situações, a luz vermelha pode ter outros significados. As cores, como as palavras significam através de convenções sociais. Com isso já estamos entendendo que a semiótica de Peirce é referida não apenas às palavras, mas a quase tudo o que existe no mundo. SIGNO para Peirce é então qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa, chamada de OBJETO do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real, efeito este que é chamado de INTERPRETANTE do signo, como elucida Santaella (2006). Nota-se, na definição de Peirce, uma estrutura triádica, de três elementos: o signo (representamem porque representa), o objeto representado e a interpretação propriamente dita que é o interpretante.

A referência bibliográfica de um texto é um signo; ela está no lugar do texto; por isso é um ícone; assemelha-se ao texto porque contém elementos do texto como título, autor, resumo; da mesma forma chamamos ícone a pasta amarela e a impressora desenhados em nosso computador, signos-ícones com que nos movimentamos nas telas do computador. Mas dizemos também que tal senhora é um ícone da educação no município, isto é, um símbolo ou um exemplo a ser notado (é que todo símbolo implica também um índice e um ícone). Uma rosa vermelha simboliza a paixão enquanto uma pomba é o símbolo da paz. O símbolo é um signo de terceiridade, como pode ser observado no quadro abaixo. Mas o que isto quer dizer? Por que o símbolo não é um argumento? Há signos com características arbitrárias (caso do símbolo) e outros que têm a força da lei (como o argumento); ambos - símbolo e argumento - são signos de relação da terceiridade, mas um está mais baseado em convenções sociais enquanto outro se expressa quase por um silogismo ou um raciocínio lógico, como o próprio nome diz (argumento). Todos os substantivos de uma língua, por exemplo, são símbolos, pois a palavra é essencialmente simbólica.

Vejam a tabela de sistematização dos signos, tal como ela frequentemente aparece nos textos comentadores de Peirce para visualizarmos as modificações que Deleuze fará nela, com enormes conseqüências no delineamento de uma pragmática menor (como é a expressão de CARDOSO JR., 2005).

Quadro 1 - O signo em relação

Categoria	O signo em relação		
	A si mesmo	Ao objeto	Ao interpretante
Primeiridade	Qualissigno (mera qualidade)	Ícone	Rema
Secundidade	Sinsigno (existente concreto)	Índice	Dicissigno
Terceiridade	Legissigno (lei geral)	Símbolo	Argumento

Fonte: Modificado de Santaella (2006 p. 62)

2 AS MODIFICAÇÕES DELEUZIANAS EM PEIRCE

Deleuze parte desta tabela, modificando quer a nomenclatura, quer o sentido de alguns signos, quando não acrescentando outros signos e categorias, de acordo com sua lógica do acontecimento e das multiplicidades, inflexões deleuzianas indicadas e aprofundadas respectivamente em Cardoso Jr (2005; 2006). Como o autor prefere dizer, o encontro entre Peirce e Deleuze é marcado por linhas de força e não é um encontro tão casuístico: “[...] quando Deleuze chega a Peirce, sua preocupação com os signos e a semiótica já vem de longe, da década de 60, com os livros de Proust e os signos e Espinosa e o Problema da Expressão [...]” (CARDOSO JR., 2006, p 8).

A essa primeira linha de força que norteia o encontro entre Deleuze com Peirce, vem se somar a questão do interesse de Deleuze pelo cinema, o que o faz procurar uma semiótica de imagens para interpretar os signos do cinema, que ultrapassasse o análogo lingüístico do estruturalismo francês, especialmente de Christina Metz em “A significação do cinema”. E a semiótica de Peirce era, no entender de Deleuze “[...] a mais extraordinária classificação das imagens e dos signos [...]”. Justamente porque para Deleuze (1990 p. 43) “a força de Peirce, quando inventou a semiótica, esteve em conceber os signos partindo das imagens e de suas combinações, e não em função de determinações já lingüísticas”.

Uma terceira linha de força mencionada em Cardoso Jr. (Idem) do encontro entre Deleuze e Peirce é a admiração do filósofo francês pelo empirismo inglês e pelo pragmatismo americano, como uma filosofia de transformação do homem e do mundo. Aqui Deleuze se encontra com as

bases ontológicas de Peirce e em sua filosofia cosmogônica, ambos têm preocupações com as bases genéticas dos signos.

Para Peirce a tricotomia seria universal e se constituiria neste elemento genético, pelo qual todo signo se autogera, num processo incessante: um signo representa um objeto na mente de alguém; essa representação por sua vez, (o interpretante) é outro signo que também poderá ser representado em outro objeto através de outra lógica (outro interpretante) e assim sucessivamente e infinitamente, configurando o processo de semiose. Já para Deleuze são essas relações triádicas que precisam ser explicadas por um elemento genético anterior a elas. Esse elemento para Deleuze é o tempo ou o todo de relações. O ‘todo acontecimental’ nas explicações de Cardoso Jr. (2005, p.475). Deleuze vai entender o signo em expressões de afecção, percepção/ação e relação em paralelo com a tricotomia peirciana. Mas vai também extrapolar a tricotomia ao necessitar de novos signos para falar do tempo, já que identifica em Peirce apenas os signos do movimento. Uma consequência imediata do aprofundamento exigido por Deleuze na análise da semiótica de Peirce, é a suspeita levantada por Deleuze (1990, p. 44) sobre o cognitivismo de Peirce: “[...] é possível que Peirce se revele tão lingüista quanto os semiólogos [...]”.

3 A SUSPEITA DE DELEUZE CONTRA PEIRCE

Por que será Deleuze levanta essa suspeita contra Peirce, a de que o pragmatista americano seja um linguista? Talvez seja porque, embora Peirce tenha iniciado o projeto da semiótica pelas imagens e não pela linguagem, os signos

do espaço tratados por Peirce são signos que em última análise serão descritos pela linguagem, numa espécie de coextensão entre pensamento e linguagem. Na desconfiança de Deleuze (1990), Peirce inicia com as imagens ou os signos imagéticos, mas talvez “Peirce não teria, pois, mantido por muito tempo sua posição inicial, teria desistido de constituir a semiótica como ‘ciência descritiva da realidade’ (Lógica).

Com a Lógica entre parênteses, Deleuze quer dizer que Peirce não explorou até o fim, a função cognitiva do signo, onde a realidade é sempre mais ampla do que a realidade perceptiva. Peirce teria limitado a expansão dos signos em sua expressão lingüística. Se considerarmos outros autores do estruturalismo francês como Roland Barthes, em sua retórica da imagem, veremos que o signo lingüístico das imagens publicitárias serve de ancoragem do sentido, conforme elucidado Pinheiro (2006). Na discussão com o estruturalismo francês, Deleuze esclarece que também entende ser a lingüística apenas uma parte da semiótica ou daquela ciência descritiva da realidade, mas “[...] já não queremos dizer, como para a semiologia, que há linguagens sem língua, mas que a língua só existe em reação a uma matéria não-lingüística que ela transforma” (DELEUZE, 1990, p. 43, grifo do autor).

Ao levantar a suspeita de que “[...] é possível que Peirce se revele tão lingüista quanto os semiólogos [...]”, Deleuze (1990, p.44) desconfia que, para Peirce, “[...] os signos lingüísticos talvez sejam os únicos a constituir um conhecimento puro, quer dizer, a absorver todo o conteúdo da imagem enquanto consciência ou aparição”. (Idem). Deleuze comenta ainda que os signos lingüísticos “[...] não deixam subsistir matéria irreduzível ao enunciado, e reintroduzem assim uma subordinação da semiótica à língua”.

Isso acontece, continua Deleuze, porque Peirce apresenta as três imagens ou os três níveis de percepção como fato, ao invés de deduzi-los. Seria preciso, então um grau zero de onde derivar a percepção ou a primeiridade. É esse zero que Deleuze entende como um modo de ser do tempo, uma categoria que tem status cosmológico e “evolucionário”.

É o tempo ou o ‘todo de relações’ ou ainda o ‘todo acontecimental’ que está na base genética dos signos e que foi desconsiderada por Peirce; para Deleuze “não há objeto puramente atual.

Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais”. Já Deleuze define a filosofia como uma teoria das multiplicidades, ele vai dizer que “toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais”. (DELEUZE, 1996, p. 49).

Para Peirce, as categorias são fenômenos, isto é, aparecem para a mente de alguém; daí o desprezo por conceituá-las filosoficamente. Mas para Deleuze, “[...] o pensamento não se define pela mente humana. A função pensar não é preenchida totalmente pela atividade pura de conhecer, pensar inclui uma eficiência prática que, esta sim, está pressuposta numa função cognitiva”. (CARDOSO JR., 2005, p. 476). Cardoso Jr. conclui, então, a eficiência pragmática do signo e sua função cognitiva não está centrada no conhecimento do objeto.

Peirce define o signo como “uma imagem que vale por outra imagem (seu objeto), com referência a uma terceira imagem que constitui o “interpretante” dele, sendo este por sua vez, um signo, ao infinito” (DELEUZE, 1990, p. 44). Estaria tudo bem se Deleuze concordasse com esta definição comentada na passagem acima, mas ele adverte que sua forma de entender o signo é bem diferente dessa, uma vez que a definição peirciana não contempla uma imagem-percepção como um grau zero na dedução: “[...] haverá uma “zeroidade” antes da primeiridade de Peirce” (Idem, p. 45). Ora a zeroidade não é uma quarta categoria, como esclarece Cardoso Jr., mas está contida nas outras três “[...] apenas na medida em que um acontecimento é exterior ou virtual com relação a suas atualizações espaço-temporais” (CARDOSO JR., 2005, p. 474).

Amparado na riqueza do empirismo inglês onde a teoria das relações é a peça-chave da lógica, Deleuze entende que o todo de relações preconizado na lógica peirciana é um todo fechado e por isso apropriado para as imagens movimento. Daí ter sido possível a Deleuze certo paralelismo entre a expressão do signo (signos da afecção, signos da percepção/ação e signos de relação) com a tabela tricotômica de Peirce. Mas quando o todo de relações é aberto ao tempo “a própria relação passa por variações” o que extrapola a classificação dos signos de Peirce. É quando Deleuze afirma que precisava de novos signos para este “novo estado de coisas onde os signos se dispersam e os índices se confundem” Deleuze (1990 apud CARDOSO JR, 2005, p. 462).

Neste momento, Deleuze distingue sua definição do signo daquela de Peirce: “entendemos pois, o termo signo no sentido bem diferente do de Peirce: é uma imagem particular, que remete a um tipo de imagem, seja do ponto de vista de sua composição bipolar, seja do ponto de vista de sua gênese” (DELEUZE, 1990, p. 46). Para Deleuze todas as imagens do paralelismo com Peirce, isto é, a imagem afecção (primeiridade de Peirce), a imagem-ação (secundidade) e a imagem-relação (terceiridade) se deduzem da imagem movimento como matéria.

Aqui é preciso entender que Deleuze trabalha na quádrupla identidade entre matéria-movimento-imagem-luz. De resto, Peirce também não distingue matéria e mente; a matéria é hábito cristalizado. Imagem para Deleuze é matéria. Matéria é luz, portanto imagem. Imagem-movimento será um dos conceitos importantes que Deleuze criará para falar das imagens cinematográficas. Para estas imagens-movimento, Deleuze (1990, p. 47) entende que “uma lógica das relações parece encerrar as transformações da imagem-movimento determinando as mudanças correspondentes ao todo”. Mas outros signos colocariam em questão o conjunto das imagens-movimento. Ele explica, então, que em suas análises de imagens cinematográficas, o intervalo de movimento em algumas imagens fazia aparecer outra imagem que rompia com o vínculo sensorio motor, isto é, com o prolongamento natural de umas imagens em outras fazendo surgir “[...] toda uma série de novos signos constitutivos de uma matéria transparente ou de uma imagem-tempo irreduzível à imagem-movimento”. (DELEUZE, 1990, p. 48). Era a imagem-tempo que entrava em cena, e, para ela, Deleuze precisava romper com a tricotomia peirciana porque os signos do tempo estavam ausentes em Peirce e em sua tricotomia.

No interior da tricotomia e referindo-se aos signos de movimento, Deleuze faz várias modificações que o leitor poderá acompanhar no item 2 do capítulo Recapitulação das imagens e dos signos do livro de Cinema II (Imagem-tempo). A leitura de Cardoso Jr. no entanto, nos dois textos de que dispomos, é indispensável para o aprofundamento das bases e das especificidades tanto da semiótica de Peirce quanto da de Deleuze.

4 AS CONSEQUÊNCIAS DAS MODIFICAÇÕES DELEUZIANAS NA SEMIÓTICA DE PEIRCE

Signos ópticos e sonoros ‘puros’, ou situações ‘ópticas e sonoras puras’ são situações que, segundo Deleuze (1990 p.28), “[...] descobrem ligações de novo tipo, que não são mais sensorio-motoras [...] tal é o prolongamento muito especial do opssigno: tornar sensível o tempo, o pensamento, torná-los visíveis e sonoros”. Mas o que significa tornar o tempo visível?

Se voltarmos à tabela de Peirce, temos três signos para as generalizações da terceiridade: legissigno (o signo em relação a si mesmo) símbolo (o signo em relação ao objeto) e argumento (o signo em relação ao interpretante). Nota-se que os signos da terceiridade em Peirce são signos de lei, pois em todos há necessidade de se chegar às generalizações, ao conceito das coisas, conceito como algo que as representa. Se memorizamos que os três níveis perceptivos em Peirce referem-se respectivamente à qualidade, ao fato e à lei, respectivamente (1º, 2º e 3º) será fácil entender que agora, na terceiridade estamos no reino da legalidade. As palavras de uma língua, por exemplo, são todas signos de lei, palavra-símbolo, palavra-prima, será rima?

Vemos na tabela de Peirce, que quando o signo é de lei em si mesmo, temos o legssigno. Sendo uma lei, em relação ao seu objeto o signo é um símbolo. O signo-símbolo não representa seu objeto por causa de alguma semelhança ou qualidade (ícones) que ele tem com o referente, nem por alguma relação de fato com o objeto representado (índices). O símbolo “[...] extrai seu poder de representação porque é portador de uma lei, que por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto” (SANTAELLA, 2006, p.67). Acrescenta ainda a autora que, por esta razão “[...] é que o signo não é uma coisa singular, mas um tipo geral” (Idem).

Se olharmos a tabela de Peirce no terceiro nível de percepção, veremos que legssigno, símbolo e argumento corresponderão, em Deleuze, à marca/des-marca, símbolo e optssigno/sonssigno. Deleuze substituirá o legssigno pela marca, e entenderá o símbolo sem qualquer ligação com o interpretante peirciano, colocando ainda os signos ópticos e sonoros puros no lugar do argumento. Tudo

isso traz enormes conseqüências teóricas para a interpretação e a produção de sentidos.

Na definição de Deleuze, para o nível do *legssigno*, que ele denomina 'marca', nota-se que o autor substitui a lei pelo hábito, tirando vantagens de sua familiaridade com o empirismo inglês. O próprio Deleuze se encarrega do glossário: "Marca: designa as relações naturais, isto é, os aspectos sob os quais as imagens são ligadas por um hábito que faz passar de umas a outras. A des-marca designa uma imagem arrancada de suas relações naturais". (DELEUZE, 1985, p. 266).

Ao propor marcas e des-marcas como signos de relação de terceiridade ao invés de *leg-signos*, o que Deleuze está rejeitando é a rigidez da lei e do convencionalismo histórico cultural, por entender que esta rigidez desacelera a difusão do signo. Ao tomar o hábito como causa suficiente da marca, o autor está entendendo a marca como signo de relações naturais, sem interpretante (hábito), como lembra Cardoso Jr. (2005, p. 449). Deleuze exemplifica as marcas e des-marcas com os filmes de Hitchcock identificado por ele como cineasta das relações mentais entre as imagens. "É a câmera, e não um diálogo, que explica por que o herói de Janela Indiscreta está com a perna quebrada (fotos de carros de corrida no seu quarto, a máquina fotográfica espatifada)" (CARDOSO JR., 2005 p. 247).

Já ao propor o signo *dividual* (no lugar de *rema*, na primeiridade de Peirce), Deleuze evita dizer que o *dividual* é um signo com relação ao interpretante. Segundo Cardoso Jr., o termo 'interpretante' parece a Deleuze "[...] um termo muito comprometido com a representação, um termo por demais personalizante, que contraria a noção de afeto como definidora da primeiridade...Deleuze cuidadosamente evita utilizar o termo interpretante por querer fugir a seus perigos" (CARDOSO JR., 2005, p. 428).

Novamente é o próprio Deleuze que pontua as distinções de suas inflexões com relação às definições de Peirce: "Símbolo: utilizado por Peirce para designar um signo que remete a seu objeto em virtude de uma lei. Empregado aqui para designar o suporte de relações abstratas, isto é, de uma comparação de termos independentemente de suas relações naturais" (DELEUZE, 1985, p. 166) grifo do autor.

O símbolo como suporte de relações abstratas perde a função de representação, visto que o sentido explicativo, "o que se diz da coisa", é apenas um

elemento entre outros, e menos importante que o uso operatório" (DELEUZE apud CARDOSO JR., 2005 p. 453). É aí, quando o interpretante se esfuma nas relações entre as qualidades, (como é a expressão de Cardoso Jr.) que as semióticas de Peirce e Deleuze perdem paralelismo, surgindo classes de signo inéditas em Deleuze.

Entram em cena os *opsignos* e *sonsignos* no lugar do signo argumento de Peirce (confira no Quadro 1). *Opsignos* e *sonsignos* são signos de relações novas, signos de transição entre as imagens-movimento e as imagens-tempo; se os símbolos são expressões indiretas de um todo de relações, os *opsignos* e *sonsignos* são expressões direta deste todo de relações e, por isso, extrapolam a tabela de Peirce.

Opsignos e *sonsignos* são signos de situações óticas e sonoras puras. Brecha do movimento que faz aparecer o tempo, tornando-o visível. Signos que não representam nada. Apenas apresentam o tempo diretamente. O tempo puro, o tempo em pessoa, como Deleuze gosta de dizer. Tempo apresentado pelas naturezas mortas de alguns cineastas ou por objetos que aparecem na cena da vida cotidiana: "a bicicleta, o vaso, as naturezas mortas são as imagens puras e diretas do tempo; cada uma é o tempo, cada vez, sob estas ou aquelas condições do que muda no tempo" (DELEUZE, 1990, p. 28).

Diz Deleuze (1990, p. 28) que "o tempo é pleno, quer dizer a forma inalterável preenchida pela mudança." Coerente com sua filosofia da imanência, Deleuze comenta que "não há necessidade alguma de invocar uma transcendência. Na banalidade da vida cotidiana, a imagem-ação e mesmo a imagem-movimento tendem a desaparecer em favor de situações óticas puras [...]" (DELEUZE, 1990, p. 28). Ele reconhece que o difícil é saber em que medida uma imagem ótica e sonora não é ela mesma um clichê, "[...] quando muito, uma foto". (DELEUZE, 1990, p. 33). Responde que é preciso juntar forças imensas, que não são nem da consciência e nem sociais mas são forças de uma profunda intuição vital.

Munido desta força, o autor faz uma monumental pergunta: "[...] por que pensa Peirce que tudo acaba com a terceiridade, com a imagem-relação e que não há nada além disso?" (DELEUZE, 1990, p. 47).

Se a abertura deste artigo trouxe as palavras-rimas de Chico Buarque como signos

peircianos, o tempo inventivo de Caetano Veloso, como um dos deuses mais lindos e tambor de todos os ritmos, bem pode servir à semiótica deleuziana do cinema: um tempo-duração, um tempo-acontecimento, um devir-tempo compositor dos destinos. Como este tempo pode servir à ciência da informação?

5 REAFIRMANDO UMA CONSEQÜÊNCIA IMPORTANTE

Ao falarmos do tempo, tambor dos destinos, estamos no coração da filosofia deleuziana, com conseqüências importantes para a relação entre o virtual e o atual. A Idéia é o mesmo que o Ser na ontologia deleuziana. A Idéia é virtual mas se atualiza na forma de conceitos filosóficos. Para isso, é preciso admitir o tempo fora da sua espacialidade ou de sua subordinação ao movimento. É preciso entender o tempo como multiplicidade intensiva.

Quando o filósofo cobra de Peirce uma zona de percepção anterior à primeiridade, de onde deduzir as três categorias, tal zona, a zeroidade, corresponde a uma substância múltipla cuja multiplicidade é dada pelo tempo. Não é uma quarta categoria, esclarece Cardoso Jr. (2005 p.) pois não pertence ao mesmo nível ontológico que as demais; está mais para o virtual enquanto as três categorias pendem para o atual.

É isto que dá à pragmática deleuziana uma independência em relação à linguagem e aos signos lingüísticos, pois o conhecimento proporcionado pelos signos é um conhecimento prático, não tão extensivo à linguagem. Falaremos então em uma semiótica do tempo a qual não está centrada no conhecimento do objeto; apenas os signos do movimento dependem da referência ao objeto. O todo acontecimental do tempo garante a função pragmática dos signos para além de sua função lingüística.

Deleuze distingue então o objeto completo e o objeto inteiro; o completo é apenas a parte ideal do objeto que, na Idéia participa com outras partes de outros objetos; falta a ele as determinações da existencial atual. Mas há uma outra parte do objeto que se encontra determinada pela atualização. A diferenciação das idéias é inerente já que elas são vistas como multiplicidades intensivas ou sistemas de relações diferenciais nas quais a diferenciação

(com t) é inerente, já que as estruturas têm caráter dinâmico. A dinâmica é descrita em termos de um processo contínuo chamado diferenciação (com c) através do qual, as virtualidades se atualizam (DELEUZE, 2006, p. 295) As virtualidades existem como tendências anteriores a qualquer efeito e, por isso, elas definem a imanência do campo transcendental.

Imanência, campo transcendental, a relação entre o virtual e o atual, a perplicação das idéias no campo transcendental, bem como as especificidades do enfrentamento que as três formas de pensamento (ciência, arte e filosofia) fazem ao Caos, são apontamentos importantes, senão vitais nesta maneira deleuze-guattariana de filosofar. A semiótica peirciana é bastante utilizada nas ciências da comunicação em linguagens híbridas de signos lingüísticos e imagéticos. Mas também na Ciência da informação, que, como ciência social que é, tira todo o proveito de tal semiótica, nem tanto por causa das imagens, do imagético, mas por conta mesmo do signo lingüístico, que é central nessa ciência.

Entretanto, quando nos movimentamos na filosofia deleuziana, pensar assume o estatuto de enfrentar o caos, num alinhamento que ultrapassa os signos peircianos, apropriados que são para pensar a ciência da informação, que como toda ciência está situada num tempo e num espaço determinados. Mas para pensar a filosofia da ciência da informação, talvez tivéssemos que entender as diferenças traçadas por Deleuze e Guattari entre a Filosofia, a Ciência e a Arte em seus modos de enfrentar o Caos, após alguns exemplos de como a semiótica de Peirce tem sido absorvida pela ciência da informação. Mas já é possível intuirmos que os signos peircianos são insuficientes para desenvolver uma filosofia da ciência da informação, conquanto sejam bastante eficientes para desenvolver a ciência da informação em seu plano de referência.

6 O PRAGMATISMO PEIRCIANO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Qual a vantagem em entendermos a informação como signo? Permite pensar a não transparência da linguagem nos processos de sumarização, indexação e recuperação da informação, referidos à subárea de *Organização do Conhecimento*. Isso já é um avanço em relação

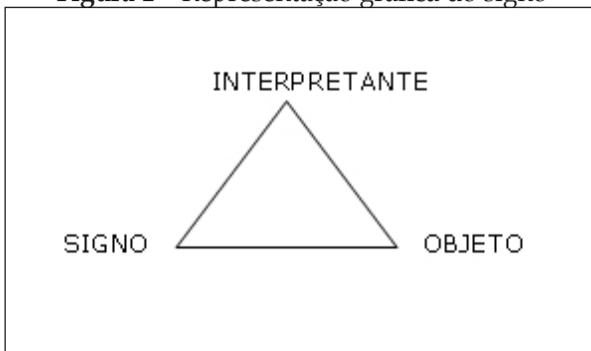
àquelas teorias do conhecimento e do significado como as teorias correspondentistas, pois “a abordagem semiótica tem a vantagem de colocar em relevo o intrincado processo de construção da significação e de sua interpretação” (LARA, 2006, p.28). Entretanto, não resolve todos os problemas. Justamente por ausência do campo transcendental ou plano de imanência do pensamento a fim de capturar devires e, com isso, dar consistência a conceitos filosóficos inovadores. Vale dizer, a mundos inteiramente novos.

O pragmatismo peirciano na ciência da informação possibilita, entretanto, compreender a complexidade da linguagem humana e, portanto, da representação. O fato de não termos acesso ao mundo a não ser através de signos é uma limitação de nossa espécie e ao mesmo tempo uma grande vantagem. A terceridade de Peirce é sinônima de signo, na medida em que ela comporta as outras duas; é o caráter da terceridade, o da representação mediadora, mas o que é significar? O que é o signo, o que ele faz? Significar é generalizar, isto é, ganhar em poder explanatório e perder a singularidade das coisas, como explica Pinto (1996).

A informação com signo passou a configurar, inicialmente, na década de setenta, um triângulo baseado na relação triádica peirciana, em que o processo do conhecimento seria uma relação entre o sujeito ou processo perceptivo, os aparatos bibliográficos/catálogos e os livros registrados na biblioteca, cada um desses elementos representando um vértice no triângulo.

O triângulo normalmente esboçado para a tríade peirciana pode ser representado como:

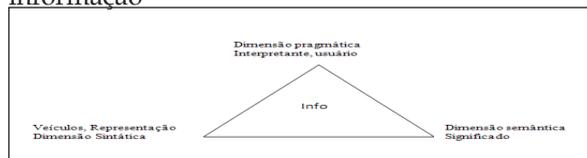
Figura 1 - Representação gráfica do signo



Fonte: Huang, 2006.

A esse triângulo clássico conjugando os três elementos, signo, objeto e interpretante, passou-se inicialmente à representação da Informação-signo, como a seguir:

Figura 2 - Representação gráfica do signo-informação



Fonte: Huang, 2006.

O triângulo proposto por Shera (2004 apud HUANG, 2006) na década de setenta, pareceu ingênuo, dada a complexidade que a construção signica acabou demonstrando. Mas nem por isso os estudos mais avançados tornam-se modelos inquestionáveis. O pragmatismo na ciência da informação desenvolve-se nos países escandinavos, na década de noventa, capitaneado talvez pela análise de domínio, tal como aparece em Hjørland (2004), cujas idéias são amplamente conhecidas no Brasil. A análise de domínio baseia-se na estrutura e organização do conhecimento, tal como ele se apresenta nas ciências e nos padrões de cooperação das comunidades discursivas. O autor adverte que a ciência da informação não pode ignorar a ciência e o mundo acadêmico.

O domínio de cada área é, portanto uma rede ampla de pessoas, textos e códigos de linguagem. O significado em Hjørland (2004) é mediado pelo domínio e/ou pela comunidade dos falantes produtores de textos, teorias e instrumentos técnicos pertinentes. Instrumentos, conceitos, significado, estruturas de informação, necessidades e critérios de relevância, tudo isto é formado pelas e nas comunidades discursivas, não sendo opção pessoal de ninguém; as necessidades individuais obedecem a essas regras da comunidade e/ou domínio.

Por isso, a teoria da atividade de Leontiev, da escola de Vigotski, que fala, a um só tempo, em sujeitos, objetos, instrumentos, comunidade e divisão do trabalho, serve aos propósitos de uma teorização sócio-cultural de base materialista. Em termos genéricos, a mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, que deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento; assim, a produção de

conhecimento se dá mediada pela comunidade e seus instrumentos teóricos e técnicos. A ciência da informação estuda assim, comunidades e seus processos de geração e uso da informação, em domínios específicos.

A teorização de Hjørland (2004), embora comporte uma triangulação mais rica para dar conta da exigência marxista da divisão do trabalho, por vezes deixa transparecer, na argumentação do autor, uma reificação da ciência enquanto tal, pela ausência do conflito, e das relações de poder implícitas na produção do conhecimento. Aliás, a escola de Vigotski é apropriada nesses países escandinavos de maneira mais sistêmica e menos politizada do que é no Brasil.

Se pensarmos no triângulo peirciano adaptado por Shera, Hjørland (2004) daria mais importância ao objeto em sua dimensão semântica ou sintática do que ao interpretante; o autor se posiciona contrário aos estudos de usuário dos serviços de informação. Já Sundin e Johannisson (2005), lançando mão da mesma teorização sócio cultural preferem evidenciar o relacionismo entre informação e usuário, no conceito rortiano de comunidades de justificação.

Hjørland, aliás, por vezes defende também a abordagem pragmática dos jogos de linguagem wittgensteiniano, pois isto não entra em choque com sua análise de domínio; os domínios representam, em larga medida, os jogos de linguagem, na medida em que são entendidos mais como textos científicos, na argumentação do autor, como consequência de certa rigidez ao separar produtor e usuário de informação.

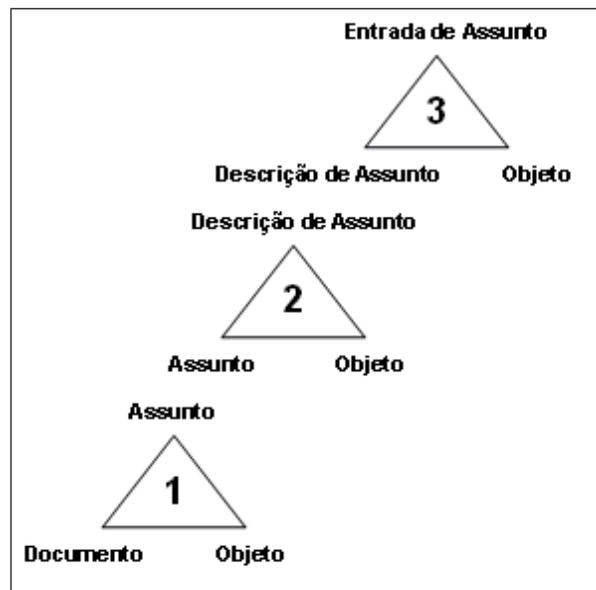
Já Ziller e Moura (2010) aliam o processo semiótico com a idéia de fluxos informacionais, tornando mais dinâmica a relação entre usuário e produtor, no conceito de *producer*, tomado de Bruns. E onde entra a semiótica de Peirce? Justamente no processo da semiose do mundo digital, em que o consumo não se esgota num uso, mas gera recombinações, reedições para novos usos. Não caberia mais, no mundo digital, a compreensão de usuários e produtores como instâncias separadas. Repositórios digitais de vídeos como o *Youtube* é um exemplo de recriação e reedição de trechos de vídeos de outros *producers*.

Entendemos que tal semiose é própria também da produção de conhecimento em qualquer uma das três grandes formas de

pensamento: Filosofia, Ciência e Arte. O que parece interessante no conceito de *producer* é a visibilidade que o conceito dá ao espaço do meio, que como diz Deleuze é onde tudo adquire velocidade e as criações acontecem. Mas novamente, o meio é real em todas as três formas de pensamento.

Se o pensamento de Peirce entra timidamente na ciência da informação na década de setenta e assume, com os escandinavos, contornos mais teóricos na década de noventa, as revisões bibliográficas da área vão aparecer no ano dois mil, como é o caso de Mai (1997 apud ALMEIDA, 2009). O autor irá se concentrar no processo de indexação e, portanto, considerará os elementos do processo, como a análise do documento, a descrição e a análise do assunto, as fases do processo de indexação identificadas semioticamente, em figura ilustrativa

Figura 3 - O documento-signo no processo de catalogação



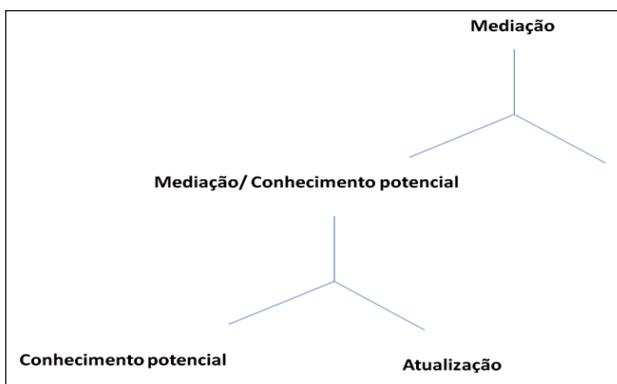
Fonte: Mai, 1997b apud Almeida, 2009.

Sendo o documento o primeiro elemento a ser manipulado pelo bibliotecário; o documento será um signo do tipo Argumento, pelo conjunto de idéias que porta, idéias essas que, consensuadas, cultural e convencionalmente, são também signos-símbolos, cuja natureza manifesta-se por um legissigno ou signo de

lei. Do documento até a entrada de assunto no catálogo, o processo de indexação reduz a capacidade do signo produzir interpretantes complexos e com maior teor de conteúdo. Mas, como comenta Almeida (2009), isto não implica em reduzir a eficácia do processo de recuperação da informação, apenas revela sua natureza. Na compreensão de Almeida (2009), os trabalhos desenvolvidos por Mai são importantes, em que pese o autor não ter levado em consideração outras categorias do pragmatismo peirciano, por exemplo, o hábito, categoria, aliás, chave de todos os empirismos. Entretanto, Mai chega, na apresentação de Almeida, a um detalhamento sógnico rigoroso sobre o processo de indexação, nem sempre presente em outros estudos.

Mas é outro dinamarquês quem irá desenvolver a abordagem mais abrangente nesta intercessão entre Ciência da Informação e Semiótica peirciana. Torkild Leo Thellefsen (2004) irá superar a identidade entre semiótica e gramática especulativa dos signos, o que significa explorar aspectos filosóficos da obra de Charles Peirce. A gramática especulativa estuda os tipos, as variedades e as combinações entre os signos. Ultrapassar essa gramática é atingir níveis mais abrangentes de compreensão de uma filosofia no seu todo. O autor falará em signo fundamental que é uma espécie de interpretante mais desenvolvido, capaz de alterar hábitos de conduta. A teoria pertinente por ele desenvolvida é a organização semiótica do conhecimento, na qual a mediação aparece como uma categoria importante, na inspiração hjorlandiana, em que o contexto social fala mais alto que o indivíduo, conforme o gráfico proposto:

Figura 4 - Conhecimento potencial e atualização



Fonte: Thellefsen, T.L; Thellefsen M.M, 2004.

7 DA CIÊNCIA À FILOSOFIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Thellefsen (2004) discute também o efeito significância, o novo conceito de signo fundamental, bem como o novo conceito de perfil de conhecimento, categorias que podem ser conferidas no mesmo número da revista *Library Trends* dedicada à discussão da Filosofia da Informação proposta por Luciano Floridi, comentada em Mostafa (2010). Neste texto de 2004 da revista *Library Trends*, Thellefsen intitula-a *Knowledge Profiling: The Basis for Knowledge Organization* e seu texto é considerado, pelo editor da revista, como um caso exemplar de Filosofia da Informação aplicada, da maneira recomendada por Floridi (KEN, 2004). Esses exemplos são exemplos científicos, quer dizer, referenciais, experimentados em um plano de referencia; quais são suas relações com outros planos do Pensamento-Natureza na filosofia deleuze-guattariana?

Todas as três formas de Pensamento enfrentam o caos, pois para nossos filósofos, pensar é cortar o caos e este corte age como um crivo. Ao cortarmos o caos, erigimos um plano de pensamento. Se estamos na Filosofia o plano terá como função precípua dar consistência ao caos, sem nada perder do infinito caótico. Dizem os autores:

Pensar é pensar por conceitos, ou então por funções, ou então por sensações, e qualquer um desses pensamentos não é melhor do que o outro, ou mais plenamente, mas completamente, mais sinteticamente 'pensamento' (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 253-4).

Então tudo é pensamento: Ciência, Arte e Filosofia são formas de pensamento. A filosofia pensa por conceitos, a ciência pensa por funções e a arte traz sensações do caos. Mas o que é o caos? Nem desordem, nem indeterminação.

[...] É um vazio que não é um nada, mas um virtual, contendo todas as partículas possíveis e adquirindo todas as formas possíveis que surgem para de imediato desaparecerem, sem consistência nem referência, sem conseqüências" ((DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 253).

Assim o caos define-se menos pela desordem e mais pela velocidade infinita de seus elementos. Quais elementos estão presentes no caos? São esboços de idéias que não se completam, se formam e se desvanecem, sem parar.

Ao fazermos o corte no caos, estabelecemos com ele uma relação. Na filosofia, a relação é de consistência, pois queremos pensar conceitos como acontecimentos e os acontecimentos são a realidade do virtual. Mas a realidade do virtual vai depender do plano pretendido segundo as três grandes formas de pensar ou do pensamento: ciência, arte ou filosofia. Entre a ciência e a filosofia há uma diferença básica de concepção: a ciência volta-se para o empírico, também chamado estado de coisas enquanto que a filosofia basta-se com o imaterial, o incorporeal, aquilo que não se efetua num estado de coisas e que não se confunde com as coisas. O acontecimento está na ordem de um tempo que não se espacializa, um tempo intensivo, um entretempo, pois o acontecimento não é o que acontece mas é o efeito do que acontece, vapor que sai do estado das coisas. Dizem Deleuze e Guattari (1997) que o entretempo é um tempo morto, aí onde não se passa nada, uma expectativa, uma espécie de reserva. Este tempo morto não vem depois do que acontece, ele coexiste com o instante ou o tempo do acidente, num tempo vazio, ainda por vir e já chegado.

Já a ciência isola variáveis num ou noutro instante, analisa a intervenção das variáveis a partir de um potencial, bem como analisa as relações de dependência das variáveis entre si. A relação que a ciência estabelece com o caos é no sentido de desacelerar a sua velocidade infinita para estabelecer as funções e variáveis num tempo entre dois instantes ou tempos entre muitos instantes. A ciência e a ciência da informação como tal atualizam o virtual de suas infinitas possibilidades num corpo, num tempo e num espaço singulares. Estamos, portanto, diante de um plano referencial da ciência da informação, quando falamos em signos de indexação, em linguagem documentária como signo, em jogos de linguagem ou comunidades de justificação.

Este plano referencial é muito distinto do plano filosófico da ciência da informação. Uma coisa é a ciência da informação em seu plano desacelerado, comportando funções e variáveis. Outra muito diferente é a filosofia da ciência da informação, na velocidade infinita dos conceitos se fazendo e dando consistência ao plano de imanência da filosofia. A filosofia segue o caminho contrário da ciência: a filosofia vai do estado das coisas ao virtual. Enquanto a ciência parte do virtual e se plasma referencialmente no espaço e no tempo. Atenção: o acontecimento é a realidade do virtual, mas do virtual já tornado consistente, portanto um virtual real sobre um plano de imanência.

CHARLES PEIRCE, GILLES DELEUZE AND INFORMATION SCIENCE

Abstract

It presents the pragmatic philosophy of Charles Peirce and his theory of signs, as well as the modifications made by Gilles Deleuze in such theory, to be able to visualize the appropriation possible for Information Science in relation to both theories. Highlights the theory of signs peircian as space signs ones, suitable for Information Science while the deleuzian signs as time ones, suitable for a Philosophy of Information Science.

Key-words:

Semiotics. Charles Peirce. Gilles Deleuze. Philosophy. Information Science.

Artigo recebido em 05/02/2012 e aceito para publicação em 05/04/2012

REFERENCIAS

ALMEIDA, C. C. **Peirce e a organização da contribuições teóricas da semiótica e do pragmatismo**. 2009. 416 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Marília: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2009.

CARDOSO JR, H. R. Deleuze, empirismo e pragmatismo: linhas de força do encontro com a teoria peirceana dos signos. **Síntese: revista de filosofia**, Belo Horizonte, v. 33, n. 106, p. 199-211, 2006.

_____. **Pragmática menor**: Deleuze, imanência e empirismo. 2005. 570 f. Tese (Livre Docente). Assis: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2005.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, E. **Deleuze, filosofia virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 47-56.

_____. **Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 1997.

HJØRLAND, B. Arguments for Philosophical Realism in Library and Information Science. **Library Trends**, Illinois, v. 52, n. 3, p. 488-506, Winter, 2004.

HUANG, S-C A semiotic view of information: semiotics as a foundation of LIS research in information behavior. **Proceedings of the American Society for Information Science and Technology**, v. 43, n. 1, p. 1-17, 2006. Disponível em: <onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/meet.1450430166/pdf>. Acesso em: 15 dez 2010.

KEN, H. **Introduction to Library Trends**, v.52, n.3, Winter 2004. The Philosophy of Information.

LARA, M. L.G. É possível falar em signo e semiose documentária? **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci.** Florianópolis, Edição especial 2, segundo semestre, 2006.

LIBRARY TRENDS. Maryland: The Johns Hopkins University Press, v.52, n.3, Winter 2004

MOSTAFA, S. P. Epistemologia ou filosofia da ciência da informação. João Pessoa, **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 20, n.3, 2010.

PINHEIRO, C. F. Metodologia de Roland Barthes para análise de imagens. In: SCHLINDWEIN, I. M.; PINO, A. **Estética e pesquisa**: formação de professores. Itajaí: Univali/Maria do Cais, 2006.

PINTO, J. Semiótica e informação. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.87-92, jan./jun. 1996.

SUNDIN, O.; JOHANNISSON, J. Pragmatism, neo-pragmatism and sociocultural theory: communicative participation as a perspective in LIS. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 1, p. 23-43, 2005.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

THELLEFSEN, T.L; THELLEFSEN M.M. Pragmatic Semiotics and knowledge Organization. **Knowl. Org.** v.31, n.3, 2004.

ZILLER, J.; MOURA, M. A. Semiose e fluxos informacionais: os agenciamentos coletivos e a condição de usuário em ambientes digitais. **Liinc**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 324-340, 2010.